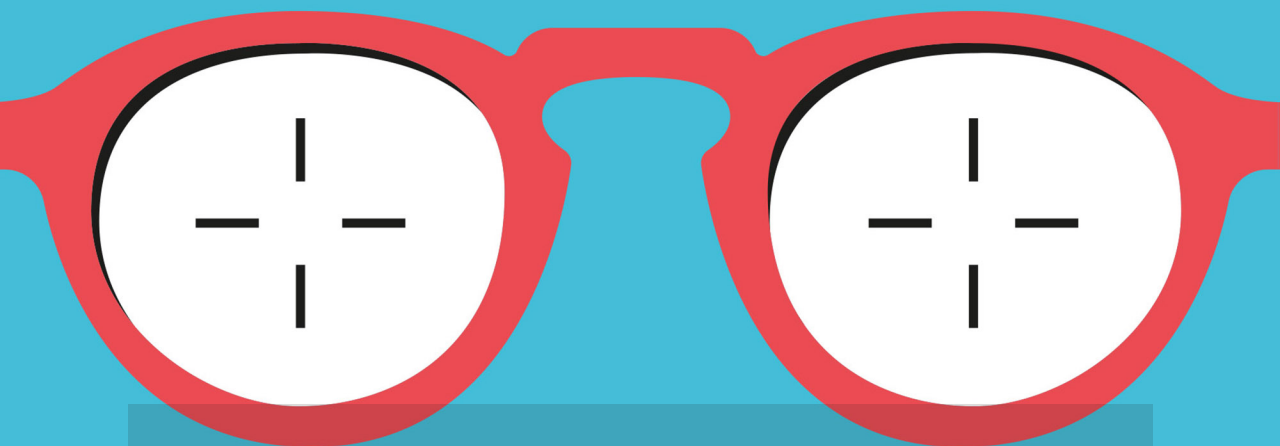


MARCELO TAS



Planeta **ESTRATÉGIA**

HACKEANDO SUA CARREIRA

**COMO SER RELEVANTE NUM MUNDO
EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO**

Planeta **ESTRATÉGIA**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARCELO TAS

HACKEANDO
.....
SUA CARREIRA
.....

**COMO SER RELEVANTE NUM MUNDO
EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO**

Copyright © Marcelo Tas, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Marina Castro
Revisão: Valquíria Matioli e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Ilustrações de miolo: Bia Lombardi
Capa: Filipa Pinto | Foresti Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Tas, Marcelo
Hacking a sua carreira : como ser relevante num mundo em constante
transformação / Marcelo Tas. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
240 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2633-1

Planeta ESTRATÉGIA

1. Desenvolvimento profissional 2. Desenvolvimento pessoal I. Título

24-0451

CDD 650.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento profissional



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

INTRO	MEXERICA <i>THINKING</i>	13
GOMO 1	BIG BOY, BIG BANG!	25
GOMO 2	O TEMPO REAL	35
GOMO 3	A TRETA DO EXPONENCIAL	47
GOMO 4	VIRALIZOU!	73
GOMO 5	A HORA DO ELEFANTE	83
GOMO 6	OUVIR, OUVIR, OUVIR...	95
GOMO 7	ENCRUZILHADAS	115
GOMO 8	DORES E DELÍCIAS DE UMA <i>STARTUP</i>	139
GOMO 9	COMO SE FAZ?	151
GOMO 10	OLÁ, CLASSE!	169
GOMO 11	PODA: A PEDAGOGIA DO SIM	189
FINAL	O DOCE DE LEITE	215

AGRADECIMENTOS 225

NOTAS 229

REFERÊNCIAS 235

GOMO 1

BIG BOY, BIG BANG!

Planeta ESTRATÉGIA

Nasci em 1959, ajudei a inflar a estatística do número explosivo de bebês nascidos após a Segunda Guerra Mundial. Sou um *boomer*, designação derivada da expressão *baby boom* – literalmente, uma “explosão de bebês”. Os soldados voltaram para casa, reencontraram suas parceiras e *boom!* Meu pai, Ézio Athayde de Souza, soldado do Tiro de Guerra de Ituverava e estudante de Direito, nunca foi à guerra, nem deu um único tiro na vida, mas, em 1958, casou-se com Shirlei Terezinha Tristão, professora de escola primária. O casal surfou a onda de um certo otimismo com a volta à normalidade e a expansão dos negócios após a brabeira e as incertezas do pós-guerra – e, graças a eles, eu vim ao mundo.

Nós, os *boomers*, passamos a infância e a juventude dentro de um turbilhão de mudanças. As décadas de 1960, 1970 e 1980 formam um arco de transformações comportamentais e disrupções tecnológicas radicais: Guerra Fria, corrida espacial, liberação sexual, drogas lisérgicas, satélites, punk, rock, hip-hop, hippies, nerds, cultura *maker*, computador e internet. Minha carreira acontece na transição de um mundo antigo, desplugado, quase medieval (cheguei a andar de carro de boi na infância – dê uma busca aí para você ver que beleza é esse tipo de veículo sem motorista), para o mundo acelerado, instantâneo das telas digitais e da popularização da inteligência artificial.

Meus pais, professores de escola pública, não tinham recursos para investir em novidades tecnológicas. Com sorte e curiosidade, fui fuçando a vizinhança atrás de formas de me conectar ao desconhecido. Cândido, pai da minha mãe, era um homem discreto e disciplinado. Na casa dele, em posição de destaque na sala, havia um enorme rádio com carcaça de madeira e tecido amarelo brilhante ovalado cobrindo os alto-falantes. O aparelho impunha respeito e cerimônia. Após o expediente, de banho tomado, sem camisa por conta do calorão de Ituverava, vô Candim sentava na cadeira de balanço diante do aparelho em busca de notícias. Encantado, eu ficava assistindo ao meu avô ouvindo o radião. Apreciava seu jeito cuidadoso de girar o botão redondo do seletor e inclinar a cabeça em direção ao chiado que vinha das ondas eletromagnéticas. Parecia um pediatra auscultando um bebê. Sempre alerta, Candim usava uma das mãos para deslizar a haste do sintonizador pelo painel iluminado por luzinhas amarelas, enquanto a outra ajustava os óculos para conferir

as frequências das emissoras, atento ao indício de qualquer notícia.

Do lado do meu pai, a configuração era diferente. João Athayde, o meu avô, era um cara desinibido e festeiro. Um baiano cansado, segundo ele próprio. A família saiu da Bahia em busca de melhores dias na capital paulista, se cansou e se espalhou na fronteira de Minas Gerais com São Paulo. Analfabeto, morenô mestiço de olhos azuis, João era um curioso sempre animado a aprender novos ofícios. Entrou como carroceiro e saiu gerente de uma fazenda de café. Acabou comprando uma parte dela onde construiu a casa onde nasceu meu pai e outros cinco filhos dele com Julieta Maria do Vale. A casa modesta vivia cheia de gente. Branquela de origem portuguesa, silenciosa e boa de briga, vó Julieta comandava as rezas e as farras com mão firme e coração mole. Muitas vezes, quem aparecia para rezar o terço, fazer pamonha ou tomar uma pinga acabava dormindo por lá. Como era comum na arquitetura caipira da época, as paredes não chegavam até o teto. Havia uma salinha na entrada, quatro quartos, um só banheiro e a cozinha generosa. Todos virados para um grande salão de jantar. Dos quartos, era possível ouvir os ruídos da casa toda.

O rádio ficava na salinha de entrada, que também servia de escritório para vó João. Na hora de dormir, era comum alguém ficar ouvindo rádio até mais tarde. Aí, acontecia com frequência uma cena surreal. Alguém já deitado em um dos quartos gritava lá da cama ao ouvinte do radião na salinha:

“Ô, fulano, põe na rádio Tupi que vai começar o meu programa.”

“Qual a frequência da Tupi?”

“Não sei, vai mexendo aí que eu digo a hora de parar...”

“É essa?”

“Não, é mais pra frente, vai, pode ir... vai, vai...”

“É essa?”

“Não, vai mais um pouquinho... Mais... Vixe, passou, volta... Não, peraí, voltou demais, vai pra frente de novo...”

Era o tio Zé do Vale, uma figura doce e folgada. Da cama, pilotava à distância quem estivesse na sala com a mão no dial do radião. A zapeada às cegas era acompanhada dos quartos por quem ainda não estivesse dormindo. A lenga-lenga avançava até que a voz firme de vô João, também sem se mover da própria cama, onde já estava havia tempos debaixo dos lençóis com vó Julieta, determinava que era hora de desligar o aparelho. As ondas sonoras se dissipavam e todos iam dar um jeito de pegar no sono.

Fui um nerd precoce, obcecado por rádio. Meus pais não viram outro remédio. Antes de completar 10 anos, ganhei de Natal um radinho portátil, algo absolutamente incomum.

Na época, criança só ganhava brinquedo de criança. Papai Noel me trouxe um modelo japonês, da marca National, alaranjado, com carcaça de plástico e design futurista, estilo “Os Jetsons”, que pegava AM, FM e ondas curtas.

Durante o dia, uma frustração. Mesmo hipermoderno, o radinho só sintonizava a única estação da minha cidadezinha. O prefixo da emissora era repetido várias vezes ao dia por um vozeirão grave, no tom do otimismo ingênuo da época: “ZYK8, Rádio Cultura de Ituverava, uma cidade a caminho do progresso!”.

À noite, tudo mudava. Era possível ouvir emissoras das principais cidades do Brasil e até do exterior, graças ao efeito

da reflexão das ondas radiofônicas pela ionosfera, a camada da atmosfera que fica uns 100 quilômetros acima da superfície terrestre. Aprendi isso no Google da época: o meu professor de Ciências. Durante o dia, a radiação solar intensa carrega eletricamente os átomos e moléculas. As partículas ficam ionizadas, daí vem o nome ionosfera. O fenômeno cria uma espécie de congestionamento de elétrons que dificulta o trânsito de pulsos magnéticos enquanto há sol brilhando no céu. De noite, a coisa se acalma e as ondas radiofônicas, em vez de absorvidas, são refletidas de volta para a Terra graças à teia natural que abraça o planeta, para deleite dos doidos por rádio, que era o meu caso.

Na hora de dormir, eu usava a pequena joia da tecnologia nipônica para surfar as ondas radiofônicas. É difícil traduzir a importância daquela experiência. Hoje vejo bebês com poucos anos de vida deslizando os dedinhos na tela do celular. Instintivamente, estão experimentando a interação com um conteúdo à distância. Eu tive uma experiência parecida quando, aos 10 anos, lá em Ituverava, girava o dial e capturava conteúdos distantes da minha realidade. Com meu radinho alaranjado, entre os lençóis, sentia na ponta do dedo e na alma o significado da palavra “telecomunicação”.

Meu ouvido curioso foi atraído pelo sotaque e estilo novidadeiro das emissoras do Rio de Janeiro. Com destaque para os programas de esporte da Rádio Globo. Nas vinhetas havia um eco que esticava as últimas sílabas: “Rádio Globo-ô-ô-ô-ô-ô...”, além do tradicional “Brasil-il-il-il-il-il-il-il...”, usado até hoje. Nas ondas radiofônicas cariocas, virei devoto de uma pequena emissora, a Rádio Mundial. Mais especificamente do programa *Ritmos de Boate*, apresentado

por um professor de História tímido que, diante do microfone, se tornava um doido falante: “*Hellooo, crazy people*, aqui é Big Booy apresentando... *Ritmos de Boate!* A Mundial é show musicaal!!!!”.

Big Boy, o personagem criado por Newton Alvarenga Duarte, o tal professor de História, renovou a linguagem do rádio, especialmente com o público jovem. Com voz inconfundível, o DJ lunático anunciava as novidades musicais que sacudiam as discotecas, as baladas dançantes da época. O setlist passava por *funk*, *twist*, *hally gally* e rock (aos berros e gargalhadas, ele explicava: “Tuuudo é rock!!!”), até chegar ao suingue da turma do Baile da Pesada, mistura preciosa do *soul* norte-americano com o samba da zona norte do Rio de Janeiro. Big Boy era gordinho com bochechas estufadas que desenhavam um sorriso de Coringa no rosto dele. Misturava palavras em inglês e português numa velocidade acelerada demais para o mundo pré-multimídia: “Mundi, Mundi Joveem... *Yesss*, vamos curtir, *come ooon, crazy people!* Maracangalha, *let’s go to Maracangalha, let’s gooo...*”.

Teleguiado por Big Boy, ouvi pela primeira vez The Beatles, Chuck Berry, James Brown, Tim Maia, Jorge Ben Jor... uma playlist de influências fundamentais para a minha vida, que mal começava. Rádios gringas expandiram o meu batismo nas ondas eletromagnéticas. Direto da minha cama em Ituverava, zapeava com o dedinho no dial pela BBC de Londres, pela Voz da América – transmissão oficial do governo norte-americano –, e até pelo serviço em espanhol da Rádio Moscou – transmissão da emissora estatal soviética. Sim, o meu surfe iniciático nas ondas do rádio se deu em plena Guerra Fria.

Na época, dividia o quarto com João e Ezinho, meus dois irmãos menores, que geralmente dormiam mais cedo. Depois de navegar por universos fascinantes que excitavam a minha imaginação, ao girar a chave para “off” era engolido pelo silêncio abissal de Ituverava. Foi uma experiência precoce de caminhar entre o real e o virtual. O rádio foi a minha internet a lenha. Pensava com os botões do meu pijama: *Puxa vida... eu aqui nessa roça... e, lá longe, uma pá de gente vivendo a mil pelo mundão véio sem porteira.*

O rádio abriu o universo da telecomunicação na minha cabecinha pré-adolescente caipira. Foi a faísca que expandiu a consciência de que havia outras dimensões além daquela onde eu vivia. Foi o meu big bang! Ironicamente, quem nasce hoje com o dedinho deslizando na tela do smartphone talvez tenha mais dificuldade de perceber o valor da telecomunicação do que eu tive lá na escassez de informação de Ituverava.

É preciso entender algo com clareza. Independentemente da área de atuação, hoje a telecomunicação é o principal vetor de impacto nos negócios, na carreira e, cada vez mais, na vida pessoal de qualquer um. Ninguém mais consegue trabalhar – ou mesmo acordar, fazer ginástica, se divertir, sair de casa, comprar, dormir, namorar – sem o celular. Mesmo assim, há uma enorme dificuldade de reconhecer o valor das novas ferramentas de comunicação. Especialmente o valor de aprender a usar bem. Mesmo que você pense que saiba tudo, é crucial reservar um investimento de tempo e energia, inclusive recursos financeiros, para se reeducar constantemente sobre a telecomunicação. Daqui em diante, ela vai mudar de forma robusta, inédita e imprevisível.

Parece óbvio? Sim. Mas tenha cuidado. É preciso atenção para o óbvio. Principalmente para as sutilezas do óbvio. Mesmo que você não se interesse por tecnologias que pareçam distantes – como a inteligência artificial generativa –, é importante se aproximar delas sem medo. A telecomunicação agora é ubíqua. Está em todo lugar. Quem ainda está com medo de pular nessa piscina deve, pelo menos, colocar o pezinho na água. Hoje em dia, até a sua avó coleciona figurinhas no WhatsApp. Para que a telecomunicação tenha um impacto relevante na sua carreira, você tem que ir mais a fundo. É hora de desenvolver uma estratégia para fatiar desafios e encarar o potencial da revolução em movimento.

O radinho de pilha foi o meu big bang: a fagulha que disparou a minha consciência da telecomunicação. Depois, o entendimento se ampliou quando entrou pela porta de casa o aparelho que transformaria a minha vida definitivamente: a televisão. E para você, qual foi o seu big bang?

**O radinho de pilha
foi o meu big bang:
a fagulha que
disparou a minha
consciência da
telecomunicação.
E para você, qual
foi o seu big bang?**

**#HacqueandoSuaCarreira
#Telecomunicação**